



## Resenha crítica: O empoderamento feminino

**FERREIRA, Rosangela Molento (Fatec Rubens Lara)**

romolento@hotmail.com

Estamos na década do empoderamento feminino, das campanhas pelo respeito, na luta contra o assédio, a discriminação, o preconceito e a desigualdade, com o objetivo de conscientizar e sensibilizar para a promoção da qualidade de vida de mulheres, homens e crianças. Estas são uma das importantes ações por uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo a elas a autonomia quanto ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, da sua liberdade.

Essas questões muito atuais precisam ser contextualizadas e relativizadas quando se pretende esclarecer, orientar e transformar comportamentos, e são discutidas, revisitadas e esclarecidas no livro **Mulher: leitora, autora, formadora** (Editora Universitária Leopoldianum, 2017, 265 páginas), organizado por Luiz Carlos Barreira e Maria Aparecida Franco Pereira. É um livro dividido em duas partes e nove capítulos, apresentando os estudos de dez respeitados autores, com larga experiência em atividades educacionais e que já defenderam teses acadêmicas, abordando questões sobre a participação e a presença da mulher na imprensa periódica e na área da Educação, inseridas nos importantes momentos de transformações históricas.

1. O livro começa com a autora Irene Jeanete Lemos Gilberto, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora e pesquisadora da Universidade Católica de Santos, que apresenta o trabalho de compilação da produção jornalística da educadora Cecília Meireles, realizado pelo professor Leodegário de Azevedo, sobre a educação, publicadas em jornais do Rio de Janeiro, de 1931 a 1932. O que chama muito a atenção é o destaque, dado pela autora, do significativo legado sobre a Educação deixado por Cecília Meireles, e sua visão crítica e reflexiva sobre as reformas educacionais, a formação de professores e a proposta de uma nova Educação para o país, sendo que ela também fez parte do grupo dos Pioneiros da Educação Nova. Como bem é abordado neste capítulo, Cecília viveu numa época de muitas tensões na Educação brasileira, em um complexo cenário educacional.

A autora apresenta as reflexões, ideais e críticas de Cecília Meireles, principalmente ao programa educacional do Ministério da Educação e da Saúde Pública, que vale muito enfatizar, pois ainda são questões muito atuais:

- ✓ Educação não é sinônimo de ensino;
- ✓ A reforma de Francisco Campos era “capricho de administradores”;
- ✓ Um programa de Educação deve ser implantado de forma complexa, a longo prazo e associada à formação humana;
- ✓ Defendia uma escola pública, igual para todos e com a inclusão de alunos portadores de deficiências;
- ✓ Há o descompasso entre as propostas das reformas e o desconhecimento do teor e objetivos das mudanças por parte dos que vivem o cotidiano da escola;
- ✓ A formação do professor é inadequada, transforma-o em burocrata;
- ✓ “professor que saiba ser aluno do seu aluno”

O objetivo deste estudo está muito bem claro: compreender como se desenham essas cartografias nas tramas das crônicas e resgatar a visão crítica de Cecília Meireles, trazendo para o nosso presente alguns aspectos com relação às políticas educacionais da época e aos conceitos sobre Educação, escola e formação, que mais uma vez precisam ser considerados pela contemporaneidade.

2. No estudo seguinte, a autora Maria Izilda Santos de Matos, doutora em História pela Universidade de São Paulo, trata sobre a luta pela educação feminina em periódicos, no final do século XIX e início do XX, com a finalidade de recuperar algumas propostas sobre a educação feminina do período em questão em duas interessantes e diferentes perspectivas:

a) Das mulheres de elites e setores médios urbanos quanto aos projetos pela educação e emancipação, pois os periódicos desta época destacavam a luta pela educação feminina.

A autora traz a importante informação de que várias publicações, voltadas e produzidas por mulheres, se expandiram e circulavam por diferentes regiões, estimulando os hábitos de leitura, buscando tornar as mulheres mais atuantes na esfera política, até mesmo na luta pelo voto feminino. Amentando que a educação feminina era baseada em valores voltados para o exercício das funções da mulher como mãe, esposa e dona de casa. O magistério era uma atividade feminina, pois ensinar era visto como uma extensão materna da educação.

Lembra bem a autora que, no Brasil, só em 1879 houve o ingresso feminino nos cursos de ensino superior, embora só um pequeno número tenha ingressado porque continuavam existindo dificuldades de admissão.

Maria Izilda afirma que *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), com sessões de literatura, moda belas-artes e teatro, também propunha mudança de atitudes e ideias, assumindo a luta pela emancipação da mulher por meio da Educação, e que foi o primeiro periódico dirigido e editado por mulheres. Mas Zahidé Lupinacci Muzart, em seu artigo *Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX*<sup>i</sup>, afirma que “Maria Josefa foi poetisa e feminista, tendo fundado um jornal, com o estranho título de Belona Irada contra os Sectários de Momo, mais conhecido como Belona”. E que “esse teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino”. Vale considerar essa informação porque “O jornal, como o nome o indica, polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do *Jornal das Senhoras*” (p. 229).

b) Das operárias das indústrias de São Paulo, com a expansão urbana, houve um crescimento do contingente de trabalhadores nas atividades industriais que se utilizavam de mulheres e menores para trabalhos com baixos salários e menos qualificados na hierarquia laboral.

Em defesa destas mulheres oprimidas, a autora destaca a atuação da professora e socialista Ernestina Lesina e nos periódicos que ela criou e editou: o *Anima e Vita*, cujas propostas políticas visavam conscientizar as operárias do seu julgo e estimular a organização da luta pelos seus direitos para sua emancipação através da instrução, criticando a alienação como um meio de reforçar modelos a serem seguidos, sendo os obstáculos à educação feminina. E, ainda, que a educação escolar não seria suficiente, mas sim um conjunto de ações sociais e culturais para instruir as mulheres, baseado na liberdade, na livre expressão, na igualdade de gênero, e no ensino racional, antiautoritário e livre. Ela contestou os parâmetros tradicionais da educação e a nociva influência da igreja.

---

<sup>i</sup> <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/9494/8720>, pesquisado em 08 de janeiro de 2018.

3. Já os autores Ariane Franco Lopes da Silva, doutora em Psicologia da Educação pela University of Cambridge, e Luiz Carlos Barreira, doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, apresentam um estudo do relevante papel da imprensa nos importantes debates públicos a partir de meados do século XIX, e também da imprensa ilustrada, que se estenderia a um público maior, como os analfabetos.

Destacam os proeminentes benefícios do advento da fotografia, pela rica colaboração na identificação da identidade social, da associação do sujeito ao seu grupo, da sua história e seus valores por meio de sinais exteriores, pois as fotografias retratam não somente as especificidades dos indivíduos, mas também modelos, padrões e ideias que expressavam as características urbana e industrial da época.

Nos dias atuais, com a popularização da internet, está muito presente no nosso cotidiano a intensa divulgação da imagem e do marketing pessoal nas redes sociais (*Twitter, Facebook, LinkedIn, MySpace, Blog, etc.*) como uma vitrine da vida pessoal. As redes sociais viabilizam o compartilhamento das informações em curtíssimo tempo, contribuindo para o processo de divulgação de culturas e novos conhecimentos por meio, principalmente, das imagens que os usuários desse ambiente digital postam como uma forma de comunicação, e que se pode construir uma reputação, ou destruir! Portanto os autores deste capítulo afirmam, de forma bastante conveniente, que as faces, gestos e posturas formam um idioma corporal que é usado com o propósito de classificação pessoal e no gerenciamento da imagem que querem veicular de si mesmos aos outros.

É destacado neste estudo o suplemento semanal *Ilustração Portuguesa*, pois abrange um número maior e mais diversificado de leitores, e é voltado à vida social, política, artística, literária, mundana, esportiva e doméstica da sociedade portuguesa, afirmando que o objeto deste trabalho é a reflexão e debate das representações de identidade feminina nas imagens de mulher veiculadas entre os anos de 1906 e 1910, retratada neste periódico, e quais os papéis sociais, hábitos, costumes e modos de ser femininos que estavam sendo valorizados tanto em Portugal quanto no Brasil. Embora a figura da mulher tenha grande importância na mídia ilustrada, ela tinha um *status* inferior ao do homem.

Dando mais credibilidade à pesquisa, os autores buscaram apoio nas diferentes áreas dos saberes, como a história, psicologia social e a história da fotografia para identificar, selecionar e classificar a frequência com que os elementos ocorrem em cada uma dessas categorias, como essas categorias se relacionam aos padrões culturais da época e suas possibilidades históricas de mudança desses padrões.

4. A seguir, o mesmo autor do capítulo anterior, Luiz Carlos Barreira, traz um estudo e investigação sobre a imprensa operária paulista do início do século XX, *O Operário*, que foi editado

e circulou na cidade de Sorocaba entre julho de 1909 e setembro de 1913, com o objetivo de analisar os sentidos que os operários atribuíam aos acontecimentos de seu cotidiano e à sua própria formação, especialmente as operárias sorocabanas, construindo suas identidades e sua consciência do lugar e dos papéis que desempenham na sociedade, portanto deve-se estudar a imprensa como prática social historicamente determinada.

A primeira parte deste trabalho traz textos publicados nas edições do jornal que evidenciam os lugares e papéis de mulher na sociedade moderna, na ótica masculina, ou seja, imagens preconceituosas do gênero feminino, comparando a mulher a objetos, a “petiscos”, condenando as adúlteras à desgraça, declarando que: a mulher seria a única responsável pela harmonia do lar, portanto deveria ser fiel e submissa ao marido; sua principal função seria a maternidade; a mulher brasileira não era instruída o suficiente; e ela não tinha vontade própria, era mulher-objeto. A segunda parte é dividida em dois tópicos que contemplam imagens de mulher por elas mesmas e evidenciam visões de mundo que não eram contrárias às do sexo masculino, aceitando a representação do seu papel de mãe; onde lamentam a infeliz condição das mães operárias pobres e sofrem com a indiferença e o orgulho dos(as) ricos(as), manifestando uma clara consciência de classe social, mas ainda acreditando na educação escolar para superar as condições de exploração econômica.

5. “*Do ensino à autoria: Mulheres na imprensa pedagógica paulista*” é o título do próximo estudo, escrito por Ana Clara Bortoleto Nery, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, destacando o relevante papel das mulheres na estruturação do campo educacional brasileiro, no início da República. Enquanto professoras e ocupantes de cargos públicos superiores, essas mulheres foram protagonistas da concretização da escolarização primária naquele momento. A autora demonstra sua pertinente preocupação com a falta de textos referentes à produção de saberes educacionais escritos por essas mulheres, na década de 1920, no Estado de São Paulo, afirmando que, apesar de algumas professoras terem participado de comitês editoriais e de associações responsáveis por periódicos educacionais, raramente tiveram seus textos publicados nesses periódicos.

O objetivo da autora é analisar a produção e divulgação de saberes educacionais por professoras, tomando como fonte os periódicos e educacionais publicados pela Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo entre 1925 e 1929: *Revista Escolar e Educação*, e destacar a visão das mulheres sobre os problemas educacionais nos anos de 1920. Esse trabalho cita as autoras de artigos dessas revistas pedagógicas que tiveram suas ideias publicadas e que devem ser conhecidas, lembradas e revisitadas: Maria Antonieta de Castro, Celina Padilha, Armanda Álvaro Alberto e a Condessa P. Van Heerdt-Quartes.

As temáticas dos artigos publicados pelas mulheres são interessantes, vanguardistas e questionadoras, voltadas para a Educação Sexual e Higiênica, Puericultura e Leitura, e que podem ser consideradas tônicas femininas daquela época, não tão distante das questões atuais.

6. Maria Rita de Almeida Toledo, doutora em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e livre docência em História: História da Educação e Ensino de História, pelo Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, apresenta o interessante mundo da Educação em fotojornalismo como um novo modelo de leitura e formação, mudando os padrões dos impressos oferecidos aos docentes até então, que instituiu práticas de leituras de novas representações dos docentes e de como deveriam se informar e se atualizar na sua profissão.

Apesar do foco ser o fotojornalismo, algumas imagens (reportagens sobre o Colégio Salette de Lins, da Revista Atualidades Pedagógicas e da Revista Escola Secundária) não estão nítidas, dificultando a legibilidade e identificação das figuras.

Com relação ao novo modelo de leitura que surge com a implantação da Reforma do Ensino que cria o 1º e o 2º Graus, a autora toma como exemplo o periódico *Escola*, lançado pela editora Abril em outubro de 1971, sendo editado mensalmente até abril de 1974.

Esse estudo analisa as práticas de leitura do leitor(a) e do docente destinatário(a) desses impressos, vinculados às instituições de sua profissão, afirmando que, dos materiais destinados a esse(a) leitor(a), surgem diferentes representações de diversas expectativas de leituras do texto e do domínio dos repertórios profissionais em relação ao lugar do(a) leitor(a) na estrutura escritural instaurada com a escola e sua disciplina.

7. Na segunda parte do livro, o autor João Esteves é doutorando em História Moderna e Contemporânea no ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa e traz uma importante análise sobre dois inéditos Congressos Feministas de Educação em Portugal, realizados em 1924 e 1928, na transição da República para a Ditadura Militar (revolução de 28 de maio de 1926), sob a égide do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947).

A questão mais relevante é que esses congressos, organizados por mulheres (entre professoras, educadoras, médicas, escritoras, licenciadas em Direito e uma doméstica), criaram um espaço público privilegiado de análise, reflexão, discussão e de síntese das temáticas femininas plenamente atuais, primordiais e relevantes, as quais destacamos a proteção e educação das crianças e mulheres, organização e conteúdos do seu ensino, coeducação, combate à regulamentação da prostituição, campanhas antialcoólicas, trabalho feminino, direitos legais e sufrágio feminino e, simultaneamente, na introdução de novas problemáticas como a educação sexual, e até, de forma surpreendente, a

alimentação vegetariana ou a mulher naturista, a “educação dos anormais”, “escolas ao ar livre” e a “Escola Única”.

8. A autora Maria Aparecida Franco Pereira, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, e carinhosamente podemos reconhecê-la como uma verdadeira bibliófila (assim como o pai da protagonista do artigo), apresenta um artigo de leitura bastante agradável que, similarmente ao artigo anterior, traz informação de uma importante mulher na sociedade portuguesa que merece ser trazida à luz da história, como afirma a autora, cujas ideias também circularam pelo Brasil, sendo seu maior pesquisador João Esteves, autor do capítulo 7 deste livro. Este trabalho apresenta a biografia da escritora Ana de Castro Osório (1872-1935), reconhecendo ser ela uma grande pensadora crítica (escritora, jornalista, publicista, feminista, com atuação política, com incursões na pedagogia) que lutou pela emancipação feminina, sobretudo por meio da Educação e pela valorização da infância, com a elaboração de uma literatura infantil, sendo suas obras mais conhecidas “As mulheres portuguesas” e “Diário de uma criança”.

9. No último capítulo, Flávia Obino Corrêa Werde, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e Jauri dos Santos Sá, doutor em Arquitetura pela Universidade Politécnica de Catalunha, discutem a cultura escolar das escolas normais rurais voltadas para a formação de professores na zona rural do Rio Grande do Sul, criadas nas décadas de 1940 e 1950 e que funcionaram até o início da década de 1970, por ocasião da vigência da lei 5692/71. Os autores iniciam revisando os conceitos de cultura escolar e feminização do magistério para então caracterizar as fases de criação dessas escolas normais rurais (ENR) e discutir as práticas que evidenciaram o tratamento segmentado entre rapazes e moças que as frequentavam.

A profissionalização via escola normal rural significou que homens se prepararam para a docência de primeiras letras em meados do século XX e, com a titulação neste nível de escolarização, exerceram não apenas o magistério primário, mas ocuparam outros postos públicos e responsabilidades na sociedade.

Destacam que o público das primeiras ENR do estado foi exclusivamente masculino e que, embora as ENR da segunda fase tenham aceitado candidatas mulheres, o tratamento que lhes era fornecido constituía-se diferencialmente, com privilégios e apoios aos homens, de acordo com a cultura da época.

Esta é, portanto, uma obra de inegável qualidade de informações, pela adequação e pertinência da temática atual, investigada de forma contextual, estimulando a reflexão de argumentações e esclarecimentos bastante significativos para as atuais discussões quanto às questões de gênero, cumprindo o propósito do acesso e divulgação de conhecimentos empíricos.

Estando apresentados à obra, que tenham prazer em conhecê-la por completo!